

A palavra romaria vem realmente de Roma, por ser a sede da Igreja, para onde muitos peregrinos se dirigiam desde os primeiros tempos. Surge, daí, a palavra romeiro.

Romaria é um aspecto religioso, sobrevivências de costumes que encontram nesses momentos, clima favorável à exteriorização normal.

A parte exterior das romarias, após as promessas, doação de espórtulas, entrega de ex-votos, assistência ao cerimonial litúrgico, é campo aberto ao estudo da etnográfica e do folclore, de alto interesse humano.

Os portugueses trouxeram a tradição das romarias para o Brasil. Não consta que indígenas tivessem pontos de afluência religiosa nem que os africanos conhecessem romarias.

No Brasil, entre os principais centros de romarias destacamos Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida, e Bom Jesus de Pirapora, ambos em São Paulo. Nesses templos há sempre a “Sala dos Milagres” com centenas de ex-votos que merecem pesquisa etnográfica e artística.

Na romaria pode vir até um só romeiro, mas os primeiros que das vizinhanças chegaram em Aparecida, vinham freqüentemente em grupos, a pé, depois em tropas com o bimbalar alegre dos cincerros, em carros-de-boi, trens, caminhão, ônibus e os mais diversos meios de transporte.

Nos caminhos do passado...

Estes caminhos que cruzam o nosso Vale e vêm do mar, seguem para as serras e para os planaltos, são todos caminhos de civilização e de riqueza. Por eles passaram os construtores do Brasil, grandes e anônimos, os senhores de alta prosápia, de nobreza, os capitães generais, os clérigos, os bandeirantes, os faiscadores, os flibusteiros, os tropeiros, os soldados, os escravos e a malta oriunda de vários meridianos, que o acaso, a ambição ou o destino fizeram demandar as terras por onde da “serra da Bocaina a São João da Barra” segue o Paraíba.

E todo esse mundo de gente, que por aqui passou ou aqui se fixou, que plantou cana ou café, tangeu gado, abriu estradas, tocou tropa, fundou cidades e criou um centro, que foi de civilização e hoje é de progresso, trazia em suas lembranças, nas suas bagagens, nas suas bruacas e nos seus baús e canastras, costumes imemorais com que se adaptaram e, assim como os sangues se miscigenaram, as tradições e os usos se aculturaram, criando-se o modo de viver do homem do Vale, cujas características atraem os sociólogos.

A conformação topográfica da região fez de Aparecida-Guaratinguetá passagem obrigatória de movimentação populacional entre São Paulo, Rio de Janeiro e Sul de Minas. O Vale do Paraíba vem, de Taubaté em diante, acompanhado de longe à esquerda e à direita pela Mantiqueira e pela Serra Quebra Cangalha na direção ao leito do Paraíba, deixando apenas estreita margem entre as águas e os morros, em que se encastela a cidade. A cidade tem uma área de 112 km², altitude de 554 metros e, na estimativa do IBGE no ano de 1985, 32.303 habitantes.

Um fato porém ergueria a vida do Vale do Paraíba, sobretudo na região paulista: o encontro, em outubro de 1717, da imagem Sagrada que transformaria a nossa cidade no Santuário da Padroeira do Brasil, pela púrpura cardinalícia feito um dos mais famosos encontros de romarias de todo o mundo, engalanado pela Rosa de Ouro por mercê do Santo Padre Papa Paulo VI.

No dia 26 de julho de 1745, foi inaugurada a primeira Igreja. Capela de Nossa Senhora Aparecida, que após reformas é a antiga Basílica Nacional, de grande saudade, hoje a Matriz-Basílica. Entre 1743 e 1750 surgem as primeiras citações sobre romeiros. Escritores e historiadores nacionais e internacionais visitaram a Capela de Nossa Senhora Aparecida e anotaram grupos de romeiros e romarias.

Em 1817, cem anos após o encontro da Imagem, dois sábios bávaros, Frederico Felipe Von Martius e João Baptista Von Spix, estiveram em Aparecida na véspera de Natal, deixando estas anotações no livro “Viagem pelo Brasil”: “Após um milha de marcha, chegamos ao sítio de romarias Nossa Senhora Aparecida. Capela situada num outeiro, cercada de algumas casas”.

O desenvolvimento de Aparecida foi lento até o ano de 1842, data em que foi criada a Freguesia da Capela de Nossa Senhora Aparecida.

Em 1900 chegaram as primeiras romarias organizadas: Guaratinguetá, Lorena, Taubaté. Com o progresso no aumento das romarias, a localidade foi se tornando cada vez mais importante, principalmente no setor religioso, obtendo a sua emancipação política de Guaratinguetá no dia 17 de dezembro de 1928.

... romarias antigas...

O espetáculo das romarias é tocante, pleno da santa poesia. Vamos entrar no passado. Vamos transformar em cântico a saudade que é a música da alma.

Aparecida descerra a sua história colhida aos pés da Virgem Aparecida. História que aviva a voz do sino e o hino do peregrino das antigas romarias. Vamos lembrar Aparecida antiga, com romarias em carros de boi, anotadas em fins de século passado e alcançando mais ou menos o ano de 1920.

*Mestre carreiro
Como chama vosso boi
Chama saudade
De um amor que já se foi.*

Os organizadores das romarias se entendiam com os fazendeiros e todas as peças estavam prontas. Havia carreiros contratados para as romarias e sentiam-se felizes com a profissão. No morro que circunda Aparecida, quando ao longe avistava-se o presépio, que é a topografia da Terra de Nossa Senhora, os romeiros sentiam a chama dos milagres. Era ao lado de uma grande pedra, na beira da estrada, que o primeiro carro de bois parava e soltava foguetes. Aquela fila de carros, na estrada pequena e tortuosa, entrava na Capela cantando a duas vozes: o cântico do romeiro e o canto do carro. Dois cantares que se fundiam para a fé e a saudade.

Pouco antes de chegar no morro, ajeitavam uma tala entre o cocão e o eixo. São dois os cocões, pedaços de madeira colocados um em frente ao outro, dentro da cheda, entre os quais gira o eixo, que deve ser de pereira ou de guatambu, para o bom canto, que também pode ser provocado pelo atrito da cantadeira com o chumaço. Quando o som saía agudo e grave, formando uma oitava, o carreiro sorriam porque os bois ficavam alegres.

O candieiro é sempre o filho do carreiro e fica na frente dos bois com a guia, mas nas romarias era o menino que precisava de uma graça, ou já a havia obtido. E o romeirinho chegava na Capela de Aparecida, com a vara na mão em frente do carro cantante: o carreiro ao lado, com a aguilhada, norteava os bois. O carreiro sacudia no ar a aguilhada e com o tinido das rosetas o boi, julgando que ia ser aguilhado, andava mais depressa. Os romeiros, segurando nos fueiros presos na cheda, destravavam sacolas e picuás e se benziam ao descer no chão abençoado da Capela; cantavam subindo a ladeira, o que cantaram em toda a caminhada: hinos para Nossa Senhora, surpreendendo os moradores:

*Senhora Aparecida,
Guiai a nossa sorte
Ó doce mãe querida
Na vida e na morte!*

Entravam na Igreja, olhando para a imagem em seu nicho de ouro, recomeçavam com amor e agradecimento:

*Viva a Mãe de Deus e nossa
Sem pecado concebida!
Viva a Virgem Imaculada,
A Senhora Aparecida.
Aqui estão vossos devotos,
Cheios de fé incendida
De conforto e de esperança
Ó Senhora Aparecida.*

Assistiam missas e ficavam rezando. Vinham de Paraibuna, Pindamonhangaba, São Luís do Paraitinga, Lagoinha e de lugares mais próximos. Cheios de simplicidade, os romeiros na sua devoção mostravam o filho para a Santa, desembrulhavam o lenço, desfaziam os nós e colocavam aos pés da Santa ou no cofre, o dinheiro da colheita, da venda de animais e do terreninho.

Cinco, seis carros por romaria, com quinze... vinte pessoas que ficavam na Chácara dos Moraes, onde havia casas para romeiros, que se alojavam no sobrado, atrás da Basílica, no Chalé da Santa, ou no Campo da Santa, onde se localiza hoje a Rádio Aparecida. Os animais iam para o pasto do Moraes, do Zezinho Eduardo e do Simão Mine.

Não se esqueciam de tirar o retrato perto do carro, em grupos isolados, com os retratistas Emídio Moreira, Jerônimo Bessa, Sambonha e Augusto Monteiro; este, com maestria, fazia os próprios bois olharem para a objetiva. Ficavam três, quatro dias para a oração, descanso e passeio ao Potim, passando pela ponte construída pelo fazendeiro Francisco José de Castro, mais tarde o mesmo passeio exigia atravessar de batelão o rio Paraíba.

... de carros cantando...

Na estrada, era conhecida a romaria que vinha a Aparecida. Eram quatro, cinco juntas de bois luzidios tratados com zelo; havia carreiros caprichosos que, quando traziam casamento, gostavam de bois brancos e, então, ao longe de ouvia “Ô Rio Branco”, “Algodão”, “Paina”, “Ô Cascata”, “Marfim”... Outros carreiros, poupando-se o trabalho de limpar os animais do pó do caminho, já os traziam da cor de castanha, chamando-os: “Ô Dourado”, “Camarão”, “Ô Melado”, “Canela”, “Ô Rapadura”...

Quando um boi da Romaria morria, o chifre era uma lembrança e, pendurado no último fueiro do carro, que também se chama limão, era transformado em guampa ou zeiteira, que levaria o óleo de mamona e carvão socado com querosene, receita para não queimar o eixo nas longas caminhadas. O sabão não era esquecido, pois colocado no eixo, não deixava o carro cantar.

Conta-se de um boi que, durante anos, vinha para Aparecida, sempre na frente, na junta de guia, e acabou morrendo no trajeto. O dono da Romaria fez guampa do chifre, que foi perdida na Praça da Igreja. Feita a promessa, a guampa encontrada foi pendurada na Sala dos Milagres e, quando esses romeiros voltavam, sempre seguiam para a Sala dos Milagres onde ficavam quietos olhando o chifre, em saudosas recordações. Não só o chifre do boi era recolhido, o couro também, que era utilizado na cobertura do carro.

Os fazendeiros, cientes das romarias, tinham os complementos dos carros em suas antigas senzalas. O cabeçalho, que faz parte da mesa, merecia os maiores reparos; era no cabeçalho que o carreiro, de pé, fitava o horizonte, querendo descobrir a Torre da Igreja de Nossa Senhora Aparecida.

... carros de boi ...

Vejamos agora, em linhas gerais, uma descrição deste remoto meio de transporte, usado desde o início de nossa civilização. Descrição simples, sentido pedagógico, com várias ilustrações. Pesquisando, notei algumas diferenças nos nomes das peças, levando em consideração o nível cultural dos carreiros e da região. Um exemplo: “cabeçalho e cabecário”. Há carreiros que explicando o recurso da “amarra”, dizem “na marra”.

No carro-de-boi de três juntas, a primeira junta é a junta de guia; a segunda, junta do contra-coice; a terceira, junta do coice.

A corda que liga pela cabeça os bois de cada junta é de couro e seu nome é “sóga”. Após a sóga vem a “canga”, peça de madeira responsável pela tração do que os bois vão puxar. Ela pousa no pescoço dos dois bois da junta. Para que ela se fixe no pescoço do boi, tem duas “furas” proporcionais à grossura do pescoço de cada boi. As furas são traspassadas por duas peças de madeira que descem na vertical de cada lado do pescoço: são os “canzís”. O comprimento dos canzís é proporcional à grossura do pescoço; as pontas dos canzís são ligadas por uma correia de couro torcido que se chama “brocha”.

No meio da canga existem duas “furas” por onde são traspassadas as várias voltas de uma correia de couro torcido que fazem um anel que se chama “tamoeiro”. Posterior à canga vem a “tiradeira” que é uma peça de madeira roliça, do comprimento mais ou menos de um boi, responsável pela ligação entre as juntas de bois. Numa ponta da tiradeira há uma fura por onde é traspassada uma peça de madeira, do formato de um facão, que fixa a tiradeira na canga e se chama “chavelha”. Na outra extremidade da tiradeira, que também é furada, há uma correia de couro torcido, bastante grossa e em formato de anel, que liga as tiradeiras de duas juntas. Esta peça de couro chama-se “rabo de tiradeira”, e enlaça também o “cabeçalho” do carro de boi, juntamente com o tamoeiro da canga dos bois de coice.

Cabeçalho é uma peça de madeira que é a espinha dorsal do carro de boi. Na ponta ele é furado e traspassado por uma peça de madeira em sentido horizontal, a “relha”; em sentido vertical o cabeçalho é traspassado por outra peça de madeira chamada “chaveta”: essas duas peças são responsáveis pela prisão da tiradeira de tração.

Mesa do Carro é o taboado equivalente à uma carroceria de caminhão, pregada ao esqueleto composto pelas relhas e chedas.

As **relhas** são travessas de madeira que traspassam o cabeçalho, fixando-se nas **chedas**, peças de madeira que formam as laterais.

As chedas e o cabeçalho, na traseira da mesa, são ligados por uma peça de madeira quatro vezes mais robusta do que as relhas, que se chama **recavem**.

A responsabilidade desta peça, além de ligar o esqueleto do carro, é receber o impacto de toda a carga do carro. No centro do recavem – embaixo do carro – está fixada uma grande “argola” de ferro na qual, nas regiões montanhosas, se amarram os bois transferidos na guia para a traseira do carro. Assim, nas grandes ladeiras, os bois transferidos são arrastados pelo carro, servindo como freio auxiliar para bois de coice que, sozinhos, não poderiam suportar em seus cangotes o peso do carro ladeira abaixo.

A transferência de bois da frente para a traseira do carro, no serviço relatado acima, chama-se “marra”. Todo carreiro que aplicava esse recurso proclamava: “Venci a descida – citava o lugar do perigo – na marra”. Daí surgiu a expressão popular “na marra”.

Fueiros são peças de madeira roliça que traspassam verticalmente as chedas, servindo de esteios à esteira da taquara, que forma o depósito para transporte de cereais, cana, café; neles também se penduram os picuás.

Cocões são quatro peças de madeira que traspassam as chedas em pares, dois de cada lado; são responsáveis pela retenção do eixo do carro que gira entre eles. Os cocões levam ainda uma chapa de madeira, fixada abaixo da cheda, que não permite que o eixo gire diretamente sob a cheda. Este protetor da cheda chama-se **chumaço**.

Eixo é a peça de madeira que leva nas pontas as duas rodas.

As peças dos carros de boi variam conforme a carga e a região.

Na roda do carro de boi temos:

Chapa de ferro: ao redor das peças de madeira, para dar segurança.

Meião: é a peça de madeira inteiriça no centro da roda do carro; é a maior das peças.

Cambotas: duas meias luas de madeira inteiriça que se unem ao meiaõ e completam a roda.

Centro da roda: é a denominação dada ao buraco que fica no centro da roda, ou no meiaõ, onde é colocado o eixo.

Óculos da roda: são furos feitos nas cambotas, dependendo do carpinteiro ou marceneiro, estes furos são circulares ou ovais.

Madeiras para a construção de um carro-de-boi em nosso Vale, variando com a região: ipê roxo, óleo pardo, angelim, angico vermelho, garapa, bico de pato, cabiúna. É bom lembrar que em Aparecida, ao lado direito da antiga ponte do Sá, havia um pequeno povoado chamado exatamente “Bico de pato”.

Uma das notas características destes peregrinos que vinham cumprir promessas a pé, em tropas do Sul de Minas, de São Luís do Paraitinga, das bandas de Cunha, era, nas mulheres, a trouxinha ou o guarda-chuva de cabo niquelado; nos homens, o picuá. Quando entravam na parte norte da cidade, paravam na Ponte do Sá, no célebre Ribeirão do Sá, das águas claras, para se alimentar, tomavam água, o gado saciava a sede, lavavam o rosto, se aprumavam, colocavam os sapatos e vinham andando. Subiam e desciam do carro, esse vaivém de movimento era o ensaio para que a alma caísse de joelhos aos pés do altar da Virgem Aparecida.

Bibliografia:

Arquivo da professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro

Carro de Boi, em Muqui, Estado do Espírito Santo. Artigo de Anna Bettero Monteiro Lobato.

Ilustrações de Josias Marins Freire, ex-prefeito de São José do Barreiro e do arquivo da autora que apresentou nos “**Ecoss Marianos**” de 1961, na pág. 49, “Romarias e Promessas em Aparecida”, que forneceu subsídios para este artigo.

Artigo publicado na revista “Ecoss Marianos – Almanaque Nossa Senhora Aparecida”, 1988, pp. 140-5.